



## A MODERNIDADE ESQUECIDA: O ART DÉCO EM CURITIBA Marcelo Saldanha Sutil<sup>1</sup>

Modernidade era a palavra de ordem para aqueles que viveram as décadas de 20 e 30 do século passado. Sozinho, o vocábulo condensava significados que definiriam desde as novidades tecnológicas até os anos pós-guerra. Era a velocidade, o automóvel, o gramofone, o rádio e, por que não, até o fogão a gás para a dona de casa. Moderna era a última moda vigente. Signo concreto de emancipação e de autonomia, moderno era o vivido e o futuro a caminho. Moderno um dia fora, por que não, o passado. Moderna era a arquitetura que se fazia.

O adjetivo encampou, de certa maneira, tudo o que então se construía, e foi comum o termo ser empregado e definido como pertencendo a uma arquitetura cúbica, futurista, estilo 1925, Art Moderne, facista, estilo caixa d'água, Paris 25, Jazz Modern Style, La Mode 25 (ALMADA e CONDE, 2000) – e assim por diante, numa série de denominações posteriormente agrupadas e definidas simplesmente como *art déco*, termo derivado do nome da *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes* de 1925.

Na época, diversas tendências estilísticas possibilitavam uma reinterpretação, por vezes diluída, das correntes artísticas que procuravam reafirmar e dar vazão aos esforços progressistas da civilização industrial. Em muitos casos, engenheiros e arquitetos, com uma atitude pragmática, incorporaram à sua maneira conceitos e teorias, criando uma arquitetura autodidata, mas identificada com o novo.

<sup>1</sup> Historiador da Fundação Cultural de Curitiba, doutor em História pela UFPR.

Pragmatismo esse que reforça o espírito modernizador nas cidades brasileiras do período, e amplia a importância dessas diversas manifestações.

Por art déco compreender-se-ia boa parte das novidades da arquitetura (e do design) realizadas entre as décadas de 1920 e 1940, inclusive as de tendência racionalista, uma vez que se generalizou uma única denominação para a produção do período. Modernos da ocasião, entretanto, desconheciam a expressão, cunhada em 1966, durante a exposição *Les Années 25*, montada no Museu de Artes Decorativas em Paris.

Foi, entretanto, uma modernidade esquecida – e Curitiba é um bom exemplo dessa “falha” da memória da Arquitetura. Como nos demais centros urbanos, o art déco e o racionalismo também encamparam o imaginário da cidade como signos do moderno, assumidos pela municipalidade como expressão de progresso e do novo. Não obstante a cidade ter passado por um decréscimo no número de construções, devido à instabilidade econômica do país nos anos de 1930 e os prenúncios da grande guerra, o déco, dentro de toda a amplitude que o termo abrigava, firmou-se como um conceito de modernidade para obras públicas, residências e os primeiros grandes edifícios a pontuar na paisagem.

A estética disseminou-se ainda por teatros, cinemas, indústrias e pavilhões de exposições. Ao ser adotado em linhas mais simplificadas, também conquistou adeptos e popularizou-se em modestas moradias, boa parte delas construída no alinhamento predial, em respeito à legislação em vigor que mantinha resquícios do ordenamento colonial. Demonstração de que a arquitetura popular se apropria de elementos presentes no cotidiano, transformando-os em signos que permitem uma atualização com a estética vigente. De certa maneira, o art déco correspondeu ao apelo popular com uma arquitetura de baixo custo e com formas e elementos simples de reproduzir.

Como estilo oficial e disseminado entre a população, teve a sua consagração reforçada pelo seu reiterado uso em grandes exposições transitórias organizadas por todas as esferas do governo (SEGAWA, 1998, p. 62). No início da década de 1940, Curitiba comemorou datas festivas em duas grandes feiras exposições carregadas da estética. A primeira delas foi inaugurada por Getúlio Vargas em 29 de março de 1942; a segunda, chamada de internacional por conta dos pavilhões do Uruguai, República Dominicana, Polônia e de empresas norte-americanas, foi aberta um ano depois em comemoração ao 250º aniversário da cidade. A concepção dos pavilhões

curitibanos, planejados por Bruno Sercelli, ia ao encontro da arquitetura realizada em outras exposições internacionais, como a de Paris (1937) e a de Nova Iorque (1939). Esta influência se fez mais explícita no pavilhão construído para o Ministério da Marinha, semelhante ao da marinha americana, concebido para a exposição de Nova Iorque (DUDEQUE, 2001, p. 108).

A celebração cívica e patriótica na arquitetura desses eventos, com suas linhas modernas e severas, como afirmava o catálogo da exposição, transferia-se para as ruas da cidade, principalmente nos primeiros edifícios em altura. Uma arquitetura monumental, inspirada em arquétipos clássicos que se constituíam numa outra simbologia, representando ideologias e governos autoritários. Dali para frente, seria sempre lembrada como a arquitetura do Estado Novo de Getúlio Vargas.

Nessa época, Curitiba, como outras capitais, ampliava o número de edifícios. Em boa parte das principais cidades brasileiras, a década de 1940 significou um predomínio da verticalização das paisagens sob o domínio do art déco ou de suas variações de conteúdos racionalistas. São Paulo, já no final dos anos 20, abrigaria o edifício Martinelli, ainda com ares ecléticos; o Rio de Janeiro veria surgir o edifício A Noite, onde os conceitos perretianos de uma arquitetura em concreto integrada à estrutura foram seguidos à estética déco. Sem esquecermos o edifício Oceania, em Salvador, cidade que também abrigaria na sua paisagem tradicional outra espetacular obra déco, o Elevador Lacerda (SEGAWA, 1998, p. 64-65).

Em Curitiba, entre os *moderníssimos* edifícios do período, encontrava-se o Nossa Senhora da Luz, na Praça Tiradentes. Com três fachadas, uma delas competindo com toda uma lateral da neogótica da igreja Matriz, foi o primeiro a romper com a paisagem do casario eclético de um dos mais antigos sítios de ocupação da cidade.

Sua arquitetura de linhas retas, exceto pelo aproveitamento da curvatura de duas esquinas, é simples se comparada à de outras obras de porte de São Paulo e Rio de Janeiro, mas seus volumes simplificados, ao mesmo tempo em que se purgavam excessos de decorativismos, acabaram sendo um referencial também seguido em outros prédios do mesmo período, como o Pizzato, na Rua Carlos Cavalcanti, e o Marumby, na Praça Santos Andrade.

A publicidade dos edifícios era grande e a associação com o progresso da cidade, inevitável. “Dez anos passados, e Curitiba oferece ao visitante um aspecto novo, acentuada mostra de desenvolvimento”, diz um artigo sobre a capital publicado na revista *Vida Princesina* em 1946. Comparando a cidade de então com a da década anterior, concluía-se que os habitantes não mudaram, continuavam os mesmos cordiais de sempre, mas a cidade alterara seu aspecto e, nessa transformação, em muito contribuíram os edifícios.

Considerados como a modernidade elevada às suas últimas instâncias por uma população acostumada às construções baixas, em muitos casos os edifícios de um déco, ainda que simplificado, representam a modernidade de fato. Por esse motivo, em Curitiba as vertentes agrupadas sob essa denominação concorreram, muitas vezes, simultaneamente com o modernismo difundido no Rio de Janeiro e São Paulo, sendo mais uma opção do que propriamente um desconhecimento de outras arquiteturas. Ainda que sem orientação claramente definida, o pragmatismo de muitos profissionais envolvidos colaborou para franquear à população as inovações e os avanços da cidade em constante modernização (BIANCO e CAMPOS NETO).

Entretanto, não obstante a intensa produção que deixou marcas por toda a cidade, nem sempre ela é adequadamente protegida. Há um vazio temporal quando se trata de preservação de bens edificados do período. A modernidade que se quer guardar em Curitiba, por exemplo, pulou esses anos e caiu diretamente na década de 1950, quando a arquitetura moderna, influenciada pelas escolas carioca e paulista, de fato, chegou. Resultado: pouco se fala, pouco se pesquisa e os olhos se fecham para toda uma produção hoje descaracterizada. Quarteirões inteiros de conjuntos de sobrados e residências isoladas são varridos dos olhares; edifícios são alterados sem constrangimento.

A mesma legislação que protege o eclético e o moderno deixa o déco e suas variantes desaparecer. A culpa, se é que podemos usar essa palavra, pode derivar do próprio desconhecimento. Não se preserva aquilo que não se tem memória, e para existir memória é necessário, primeiramente, conhecer para então se apropriar. Para se apropriar é preciso ter identificação, enfim... o círculo prossegue. Nesse caso, é fundamental a consciência de que uma cidade que guarda testemunhos de momentos históricos variados é uma cidade que se afirma como espaço urbano, cria uma imagem e valoriza uma paisagem.

Entretanto, uma questão se apresenta: como preservar uma cidade sem engessá-la, ou pior, sem museificá-la? A dinâmica própria do meio urbano não pode ser interrompida, pois antes de ser um bem cultural, cidades são artefatos cotidianamente trabalhados. Nesse sentido, faz-se necessário todo um trabalho de identificação, de inventário e de pesquisa. Faz-se necessário construir uma memória, pois o passado só nos é dado a conhecer por meio de representações. E preservar, de certa maneira, é trazer o passado aos nossos dias.

## Referências bibliográficas

ALMADA, Mauro; Conde, Luiz Paulo Fernandez. *Guia da arquitetura art-déco no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Urbanismo/Casa da Palavra, 2000.

BIANCO, Giovanni; Campos Neto, Cândido Malta. “Redescobrimo o art-déco e o racionalismo clássico na arquitetura belenense”. In: *Arquitextos – periódico mensal de textos de arquitetura*. Texto Especial nº 187. Localizado em [http:// www.Vitruvius.com.Br](http://www.Vitruvius.com.Br). Acesso em 22.abr.2003

DUDEQUE, Irã. *Espirais de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

MORI, Victor Hugo (org.). *Patrimônio: atualizando o debate*. São Paulo: Iphan, 2006.

SEGAWA, Hugo. *Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998.

SUTIL, Marcelo Saldanha. *Beirais e platibandas: a arquitetura de Curitiba na primeira metade do século 20*. Curitiba, UFPR. Tese [Doutorado], 2003.